

Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX)

Tracks of readings: a study in the archive of books of the Museu da Escola Catarinense (decades of 20 to 60 of the century XX)

MARIA TERESA SANTOS CUNHA*



RESUMO – Este estudo pretende analisar a presença leitora em livros que compõem o acervo, já catalogado, do Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis, Santa Catarina. O trabalho trata de repertoriar o acervo e evidenciar rastros de práticas leitoras caracterizados pelos objetos-reliquia que foram guardados em seu interior; pelas anotações feitas em suas margens; pelas dedicatórias deixadas em suas páginas, usos que sinalizam para uma história cultural da educação pela via dos livros e seus leitores. Conhecer mais sobre os livros escolares abre possibilidades para futuras pesquisas sobre a cultura material escolar em interface com a história cultural da leitura, o que permite apontar temas e significações capazes de contribuir para o conhecimento de uma determinada fração da sociedade escolarizada, no momento em que o Estado fez da leitura um saber escolar e deu à escola a responsabilidade de formar leitores e leitoras.

Palavras-chave – livros escolares; cultura material escolar; museu da escola catarinense; história da leitura

ABSTRACT – This study it intends to analyze the reading presence in books that they compose the quantity, already catalogued, of the *Museu da Escola Catarinense*, in Florianópolis (SC). The work it has for objective know the quantity and evidencing tracks of practical readers characterized for the object-relic who had been kept in its interior; for the notations made in its edges and for the dedications left in its pages, uses that the way of books and its readers signal for a cultural history of the education. To know more on pertaining to school books opens possibilities for future research on the pertaining to school material culture in interface with the cultural history of the reading that allows to point subjects and meanings that can contribute for the knowledge of one determined fraction of the society escolarizada at the moment where the State made of the reading one to know pertaining to school and gave to the School the responsibility to form readers and readers.

Keywords – school books; school material culture; museu da escola catarinense school; history of the reading

Todo livro é um livro da vida. Livros de poesia controlam a azia. Livros de história fortalecem a memória. Livros de viagem aperfeiçoam a paisagem. Livros de religião aumentam a devoção. Livros de química servem pra misturar. Livros de teste, pra confundir. Livros de lógica, pra entender. Livros didáticos, pra explicar. [...] Mas... com quantos livros se faz uma pessoa?

(Fernando Bonassi)¹

* Doutora em Educação/História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (SP, Brasil) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (SC, Brasil). *E-mail*: <mariatsc@gmail.com>. *Artigo recebido em novembro e aprovado em dezembro de 2011.*

Livros, cadernos, objetos escolares, registros visuais, escritos, sejam sonoros e iconográficos, que contam uma parte da história da escola e da cultura material escolar em Santa Catarina e no Brasil, desde as primeiras décadas do século XX até a década de 1970, constituem o acervo do Museu da Escola Catarinense.² O projeto Museu da Escola Catarinense³ é “um espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação”. Esse acervo reúne variados materiais relativos aos processos da escolarização formal em Santa Catarina e vem merecendo investigações por parte de pesquisadores da História da Educação, em especial daqueles que se dedicam à história dos livros e da leitura escolar, que procuram compreender o complexo processo estendido dos livros (produção, circulação e consumo) para a leitura como uma prática simbólica, a qual escapa dos limites do terreno escolar e não se esgota em seus bancos: estende-se a toda prática social, a uma experiência literária.

Os livros que se hospedam silenciosos em prateleiras do Museu da Escola Catarinense formam o acervo sobre o qual este estudo debruçou-se. Mensageiros de discursos variados, alimentadores de imaginários, são fontes para o estudo da escola e da cultura escolar, haja vista sua circulação no contexto da institucionalização da educação elementar, em Santa Catarina, a partir das primeiras décadas do século XX. Portadores de marcas deixadas pelos leitores, eles trazem, em suas páginas, fragmentos da presença leitora, como o nome do dono, os carimbos de compra, as anotações à margem, as dedicatórias e mesmo os objetos pessoais (santinhos, flores secas, bilhetes, etc.), vestígios que indicam rastros e caminhos percorridos durante o ato da leitura.

Perseguir tais anotações singulares, depositadas nas margens e nas entranhas dos livros que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense, e extrair alguma significação desse material foi tarefa possível a partir de diálogos teóricos com uma história cultural de cunho etnográfico (DARNTON, 1986), que se dedica ao “ciclo de vida” dos livros e que é alimentada pela análise de práticas e objetos culturais de sujeitos, os quais ajudam a construir uma história do livro e da leitura relativa tanto à materialidade dos impressos como às marcas de leitura (CHARTIER, 2007).

A pesquisa realizada sistematizou (identificação, classificação, organização) um acervo composto por 277 livros escolares, depositado nas dependências do Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis, Santa Catarina.⁴ Tais livros são oriundos de doações feitas por ex-professores, ex-alunos e pessoas comuns que se sensibilizaram com a criação do Museu. Ao que tudo indica, eram utilizados por essas pessoas no exercício do magistério e, em menor número, eram integrantes de

bibliotecas privadas. A doação também pode ser entendida na chave de que os livros perderam seu valor de uso; assim, o fato de estarem depositados em um Museu da Escola assegura um valor de conhecimento, pois são alvo de pesquisas, por intermédio das quais se pode entender mais a sociedade que os produziu e foi por eles produzida.

Pelo mapeamento realizado, encontrou-se, em 90 exemplares, a presença efetiva de leitores, constatada pelas diferentes marcas em suas páginas, as quais evidenciaram os caminhos percorridos nos livros. Esse público estava materializado por diferentes presenças: assinaturas manuscritas, carimbos dos proprietários e/ou locais de compra, anotações nas margens (conhecidas como *marginálias*), dedicatórias e, ainda, objetos esquecidos dentre as páginas, tais como flores secas, fotografias, santinhos religiosos, bilhetes, considerados como “objetos-reliquia” que estão sendo analisados como “dotados do poder de lembrar os amores e as amizades; registros de anotações íntimas e particulares, muitas vezes conservados pela escrita” (RANUM, 1991, p. 215).

Com ancoragem nessa documentação polissêmica, foram levantadas algumas possibilidades para uma operação historiográfica que permitisse produzir um discurso e selecionar diálogos teórico-metodológicos para iluminar as seguintes indagações: que marcas os leitores deixaram materialmente nos livros? O que poderiam evidenciar diferentes marcas deixadas nos livros sobre os processos de leitura? Assinar o nome, escrever comentários em um livro, poderiam ser atos de apropriação, necessidades de possuidor? As dedicatórias, majoritariamente presentes, as relíquias pessoais deixadas, as anotações feitas às margens, as frases sublinhadas, poderiam ser entendidas no umbral da relação leitura e escrita como práticas leitoras? Enfim, como os leitores caminham pelos textos...

É bem provável que todas essas indagações não sejam totalmente respondidas; entretanto, acercar-se delas, produzir conhecimentos, contribuir criticamente com questões singulares ligadas à História da Leitura e suas práticas, tudo se configura como um modo privilegiado de acesso a vestígios de sensibilidades, de encenação de atos rituais, de reconhecimento de sociabilidades geracionais ligadas aos livros e às suas práticas de leitura. Trilhar esses caminhos “predispõe à aventura da pesquisa, da descoberta [...] e faz do historiador um construtor do passado nas andanças do presente” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 250-254).

DOS LIVROS DO ACERVO

O acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense reúne materiais relativos aos processos da escolarização formal, em Santa Catarina, e vem

merecendo investigações por parte de pesquisadores da História da Educação. Portadores de discursos variados, formadores de imaginários, são fontes para o estudo da escola e da cultura escolar haja vista sua circulação no contexto da institucionalização da educação elementar, em Santa Catarina, a partir dos finais do século XIX.⁵ Considerados dispositivos textuais, os livros escolares “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ele menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1989, p. 17).

Dentre as várias formas que simbolizam as aprendizagens, o livro escolar ocupa relevante papel; seu uso sinaliza, igualmente, para um entendimento das práticas de leitura e escrita na educação escolarizada. Na perspectiva da História Cultural, os livros escolares não são simples objetos ou meios técnicos para implementar uma proposta pedagógica; são espaços de memória que representam códigos de vida das instituições e dos homens que as conformam. A ideia de educar sujeitos leitores foi sendo produzida gradativamente nas formas de ensinar e exercitar a leitura, na divulgação do material impresso e até nos discursos de intelectuais interessados na educação de crianças e jovens.⁶ Para essa empreitada, o objeto livro figura com excelência, ocupando um lugar decisivo na experiência humana. Ele também funciona como uma possibilidade estetizante, como propagador de um conjunto de valores, perspectivas e experiências que compõem os rituais de práticas leitoras. Tais reflexões vêm sendo feitas pelos historiadores da educação, preocupados em decifrar o universo leitor que gerou formadores de opinião para atuarem em escolas.

A partir desse acervo, ainda pouco estudado, do ponto de vista de estudos históricos, procurar-se-á mostrar uma catalogação dos livros por período (Tabela 1) e empreender interpretações sobre os caminhos que os leitores faziam com os livros nas mãos, colhendo, nessas pistas, as maneiras de ler e as formas como essas pessoas habitavam o mundo dos livros.

O levantamento do acervo identificou 277 exemplares. Os livros, para efeitos de pesquisa, foram classificados segundo a época de sua edição. A pesquisa evidenciou que, entre as décadas de 1930 e 1950, há maior número de exemplares disponíveis. Tal dado nos permite inferir que esse período coincide com a consolidação da leitura e do livro escolares, tanto pela ampliação do parque gráfico nacional (que barateou o preço dos livros), como pelo incentivo à formação de leitores pela escola, a qual estimulava, em suas práticas, a leitura, consolidando-a como um saber escolar. A periodização corresponde a um momento relativamente estável de construção, consolidação e transformação do livro escolar em

Tabela 1 – Classificação do acervo por período: data da edição

Década	Quantidade de exemplares	Participação no acervo (%)
1800	4	1
1900	3	1
1910	8	3
1920	20	7
1930	17	6
1940	35	13
1950	46	17
1960	38	14
1970	18	6
1980	6	2
1990	32	12
Não consta	50	18
Total	277	100

Fonte: Acervo dos livros do Museu da Escola Catarinense (2005/2006).

Santa Catarina, marcado por sua nacionalização, pelo investimento em políticas governamentais para sua disseminação e pelo fortalecimento feito pela educação escolarizada nas práticas de leitura para “formar o cidadão”.

As doações foram feitas nas décadas de 1990/2000, e pode-se pensar que seus doadores – ex-professores, ex-alunos e suas famílias – quisessem garantir espaço para conservação e salvaguarda desses materiais, que custaram vidas, tiveram preço e foram, muitas vezes, considerados como *ordinários*, sem valor de troca. Ademais, sua presença em um Museu conferiria significado, ilusão de perenidade e permitiria umnexo entre o presente e o pretérito e até um esforço desesperado para escapar do desaparecimento, da trituração do tempo. Geralmente sobreviventes salvos do fogo ou do lixo, os livros doados são “quase todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente” (BLOM, 2003, p. 188). O número relativamente elevado de livros doados (32 exemplares), cujas edições datam da década de 1990, ao que as pesquisas mostram, está associado à presença de séries didáticas, muitas das quais distribuídas gratuitamente pelo governo.

Prosseguindo o estudo, uma segunda tabela mostra a área de conhecimento dos livros e o número de exemplares (Tabela 2).

Fazendo jus ao tipo de acervo que privilegia objetos e materiais relacionados à escola, a temática dos livros contempla majoritariamente a área de educação (didática e pedagogia), o que pode ser um indício da composição de bibliotecas profissionais (no caso, de professores), ideia reforçada pela própria identidade/profissão dos doadores identificados. A presença, em segundo lugar, de temáticas relacionadas à história/biografias sinaliza para uma

Tabela 2 – Número de exemplares/área de conhecimento

Área de conhecimento	Número de exemplares	Participação (%)
Didática, pedagogia, educação	62	22%
História, biografias	33	12%
Romance	28	10%
Português, literatura	28	10%
Economia, política, sociologia	20	7%
Matemática	13	5%
Enciclopédias (volumes)	14	5%
Ensino/línguas estrangeiras	12	4%
Edições/línguas estrangeiras	12	4%
Latim	12	4%
Anuários, boletins	9	3%
Acervos, museus	8	3%
Dicionários	6	2%
Geografia	6	2%
Desenho	4	1,5%
Música	4	1,5%
Ciências	4	1,5%
Municípios	3	1%
Religiões	2	0,7%
Oratória	2	0,7%
Total de exemplares	277	100

Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense (2005/2006).

tipologia de escrita da História, respaldada em um estilo laudatório de culto ao passado e com caráter edificante e de exemplaridade, em voga entre as décadas de 1930 a 1960 especialmente. Leituras românticas respondem por um número significativo de exemplares (28, compondo 10% do acervo). Elementos de sociabilidade, construtores e alimentadores de imaginários, os romances sinalizam para práticas de leitura de uma época, fazendo pressupor um público leitor e doador feminino.⁷ Nessa categoria ampla, denominada aqui genericamente de *romance*, há autores clássicos, como Machado de Assis, José de Alencar e Monteiro Lobato, em edições baratas (papel jornal, por exemplo), distribuídas como produções de cunho didático e veiculadas pelas editoras entre os professores da área de Letras. Não por acaso, encontra-se um mesmo percentual de livros relativos ao ensino de língua e literatura. Num breve olhar sobre as obras doadas nas duas áreas, identificaram-se três doadores comuns – que entregaram para doação livros de literatura e manuais para o ensino de línguas. Os livros da área de política, economia e sociologia, apresentados em forma de compêndios e datados das décadas de 1950 e 1960, sinalizam para a emergência dessas disciplinas no campo curricular da Escola Normal. Enciclopédias, livros de matemática e de língua estrangeira compõem os chamados livros

didáticos, de uso constante do professor e dos alunos, fazendo supor que sejam oriundos de bibliotecas pessoais de ex-professores e ex-alunos e usados em atividades de aula cotidianas.⁸

Na Tabela 3, constituída a partir do total de 277 exemplares pesquisados e catalogados, identificaram-se, em 90 exemplares, marcas de leitura.

Tabela 3 – Classificação do acervo que indica a presença de leitores(as)

Tipo	Quantidade	Participação (%)
Dedicatórias	39	43,4%
Anotações, marginálias	24	26,6%
Objetos esquecidos	15	16,6%
Assinaturas, carimbos	12	13,4%
Total	90	100%

Fonte: Acervo dos livros do Museu da Escola Catarinense (2005/2006).

A tabela anterior indica a presença majoritária de exemplares com dedicatórias, fato que reforça o argumento de que muitas doações tenham vindo de bibliotecas pessoais. Se ainda não foi possível flagrar leitores, “alguém que tivesse deixado uma carta, um diário, um bilhete, dizendo o que sentiu e pensou ao ler certo livro” (ABREU, 2003, p. 16), foi gratificante encontrar seguros indícios de leitura (livros assinados e carimbados, textos sublinhados, margens com anotações, presença de objetos esquecidos) para organizar a tessitura de uma rede de relações e, sobre esse material, construir uma versão dos usos dos livros e caminhos dos leitores. Mesmo com os limites da documentação, este estudo rastreou o modo como leitores antigos encontravam e interagiam com o lido e o escrito. Sua presença simbólica evoca passados pessoais e coletivos, mãos que folhearam páginas, olhos que leram linhas, gestos que marcaram espaços por meio da escrita, da posse pelo nome, das dedicatórias e dos objetos-reliquia ali esquecidos e depositados. O olhar de hoje para esse material “compara os leitores implícitos dos textos com os leitores reais do passado e o trabalho do historiador quer mostrar que as leituras realmente existiram e ocorreram dentro dos limites de um corpo imperfeito de evidências” (DARNTON, 1992, p. 229). O seu mapeamento, neste estudo, contribui para evocar vestígios e símbolos de objetos e práticas culturais envolvidos no ato de ler.

O cruzamento dessas tabelas permitiu verificar a incidência de assuntos em alguns períodos, evidenciando a predominância dos livros de educação (livros escolares, cartilhas e séries de leitura graduada), muitos dos quais de uso obrigatório na escola primária catarinense.⁹ Esse dado é relevante por abranger um período da nacionalização do ensino no Sul do Brasil e sinalizar para o investimento do

Estado na formação de um cidadão “civilizado” e patriota, que tinha na leitura uma prática escolar civilizadora.

Os dados sobre os livros escolares desse acervo, ainda que modestos, indicam uma escola que se institucionalizava, com espaços, tempos, métodos e saberes melhores definidos, onde os livros também se especializavam, constituindo-se como sistematizadores dos saberes para os diferentes campos de conhecimento. Nos textos dos livros, os conteúdos não se ofereciam somente à memorização, pois traziam propostas de ampliação das competências para além de decorar, por meio de ilustrações, leituras amenas e edificantes e de novos saberes, como leituras de higiene, civilidades, etc. Com esse expediente, outras formas para sua representação eram instituídas; de simples depositários de cultura universal, passavam a ser fontes de lazer (com as ilustrações, por exemplo) e manancial para aprendizagem de outras experiências. A maior incidência de livros relacionados ao campo educacional pode ser entendida na chave dos seus doadores, afinal, tudo indica que utilizados para o trabalho. Ainda sobre a presença de livros de biografias, de história e de literatura (romances), pode-se creditar a uma leitura de lazer, porque as obras que o constituem sinalizam, por vestígios deixados em seu interior, leitura de seus possuidores originais. No campo da literatura, a presença de obras ditas como clássicas,¹⁰ mesmo que não autorize a considerá-las como reais experiências literárias daquele passado, permite inferir que poderiam ser uma forma de o proprietário distinguir-se socialmente pela posse do exemplar. Os estudos de Leila Mezan Algranti (2009, p. 9-11), ainda que referentes aos séculos XVIII e XIX, mostram que escrever uma História da Leitura

[...] é uma atitude, ao mesmo tempo, ousada e revolucionária. Ousada por pressupor que a leitura era uma prática cotidiana acessível a um bom número de pessoas [...] [e] revolucionária por entender que a leitura vai além do próprio livro.

Este trabalho, ao destacar marcas de leitura e procurar caminhos feitos pelos leitores, pretende traçar certo itinerário de leitura perceptível nos interiores dos livros e materialmente presente por indicações de seus usos, formas de apresentação, marcas de seus leitores ao longo do tempo. É também uma maneira indiciária de intuir sobre a presença de livros, leituras e leitores na educação escolarizada (ou não) do período, de compreender melhor alguns sentidos conferidos às experiências de leituras, ou seja, pelos livros, leitores e marcas deixadas, é possível divisar prescrições e contornos da leitura circulante, desejada, recomendada pela escola e fora dela. Esses pequenos escritos possuem a marca simbólica da pessoa que os fez, carregam consigo uma memória que demarca a obra com a dimensão da relíquia e concedem

certa permissão para historicizar as marcas do leitor no impresso. Procurar essas marcas significa considerar que o tempo não danificou totalmente a presença do leitor, pelo contrário, é ele quem permite sua fixação imperecível sob a forma de uma memória.

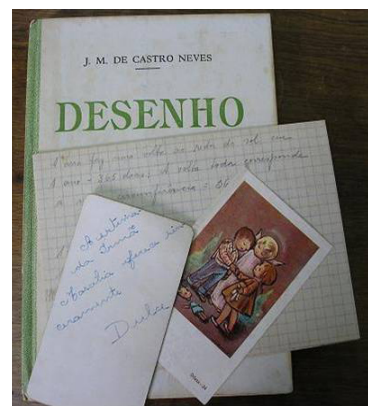
Para a interpretação desse material, buscou-se dialogar com várias linguagens, pois essas práticas e objetos mais recortados, ainda que associados à História da Leitura, “começam a vislumbrar-se não como um tema típico de uma disciplina em particular, mas como um espaço de encontro de diversas abordagens, capaz de superar reduções prévias” (CUCUZZA, 2002, p. 14).¹¹

DO LEITOR NOS LIVROS

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que é um livro se não o abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro com folhas, mas se o lemos ocorre algo raro: creio que muda cada vez.

(Jorge Luis Borges, 1984)

Folhear os livros à cata de rastros de leitores permite confrontar-se com variados objetos e diferentes formas de marcar os impressos lidos, pois, “na intimidade da maioria, o impresso penetra, mobilizando as afetividades, fixando a memória, guiando as práticas” (CHARTIER, 2004, p. 227). Estudar as marcas deixadas pelos leitores permite inferir suas relações com os livros para além dos usos autorizados. Parece evidente que só podemos fazer aproximações, mas tais registros sinalizam para uma convivência mais aprofundada com o impresso. Nas margens ou fora delas, no texto, em papéis e relíquias guardados dentro dos livros, o leitor anuncia-se, e essas imagens fornecem indícios sobre a relação livro/leitor e a experiência de leitores comuns. São marcas que se mostram pelas marginálias (escritos ao longo das beiras das páginas, grifos de leitura ao longo do texto), pelas dedicatórias e pelos chamados objetos-relíquia (Figura 1).



Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense, UDESC, Florianópolis (Acervo: 99 A1).

Figura 1 – Objetos encontrados no interior de um exemplar de 1955 (CASTRO NEVES, J. N. Desenho para 3ª e 4ª séries. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1955).

O material foi digitalizado e catalogado numericamente para facilitar pesquisas, em especial aquelas vinculadas à perspectiva da História da Leitura, pois, como afirma Darnton (1992, p. 200), “a leitura tem uma história”. Ela não se desenvolveu de igual maneira nos lugares, e a escrita dessa história trata de “associar o conhecimento sobre a presença do livro com a análise sobre as maneiras de ler, nas quais tomam parte a materialidade dos livros e a corporalidade dos leitores” (CHARTIER, 2003, p. 11).

Assinaturas e anotações nas margens – marginais

Sempre escrevo em meus livros.

(Alberto Manguel, 2005, p. 65)

Sempre leio acompanhado de um lápis, grifando os textos importantes, fazendo comentários à margem.

(Miguel Sanches Neto, 2004, p. 47)

No universo pesquisado, um total de 32,4% dos livros do acervo apresentou marcas variadas que evidenciaram presença de leitores. Se não é possível afirmar, como os escritores Alberto Manguel e Miguel Sanches Neto, antes referidos, que a escrita nos exemplares é constante, é admissível considerar uma relação entre leitura e escrita, entre o manuscrito e o impresso. São atos que anunciam um nível de competência gráfica dos seus proprietários, quer pela assinatura desenhada, quer pela presença de letras rebuscadas que exigem domínio da mão sobre o papel e mesmo pela exatidão ortográfica e equilíbrio das formas escritas na página em branco. Macular “a página em branco, pela atividade concreta da escrita, circunscreve um lugar de produção que marca a presença do sujeito [...] nesse lugar desenfiteçado das ambiguidades do mundo” (CERTEAU, 1994, p. 225). Em alguns casos, a maneira de utilização desses artefatos descritos e dados a ver por meio do uso da palavra escrita, como, por exemplo, a ordem da caligrafia de forma inclinada, pode ser considerada um indicativo de distinção e de convivência com formas sofisticadas de cultura escrita.¹²

Alguns livros trazem assinaturas de seus donos, o que indica uma relação de propriedade e de perpetuação para além da posse física do exemplar. Como o acervo é oriundo de bibliotecas pessoais, pensa-se em certo zelo e até mesmo na necessidade de marcar o possuidor, registrar a personificação da posse por meio do nome próprio escrito para fugir do anonimato. Nomes próprios escritos, na grande maioria, em letras desenhadas, quase sempre seguidas do local e da data da aquisição, insinuam que são “o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços (BOURDIEU, 1996, p. 187). Mesmo que, em dois casos, o papel tenha amarelado, a assinatura ainda está surpreendentemente legível, em tinta

preta. Iniciais decoradas que simbolizavam os nomes dos donos aparecem em vários livros e são indícios de que eles foram abertos, quicá lidos, e de que os seus possuidores firmaram, em cada um deles, sua autoridade de leitores individuais.

Há escritas inelegíveis feitas à mão nas margens dos próprios livros (correções de letras e frases sublinhadas), talvez sobre possíveis impressões obtidas pela leitura, embora ainda não seja possível encontrar legivelmente a coisa mais permanente que alguém pode deixar em um livro – as suas próprias palavras. Segundo estudos realizados por Chartier (2002, p. 94-96), essa inscrição pode-se chamar de *marginalias*:

As anotações marginais foram compreendidas como um dos gestos e um dos momentos da técnica intelectual que governa as práticas de leitura e escrita [...]. As *marginalias* constituem de fato uma forma de encontrar as citações e exemplos que o leitor retém como modelos estilísticos [...] permitem a “digestão” do texto [...] traduzem uma apropriação pela escrita do livro lido.

As folhas manchadas e a aparência parecem falar de centenas de polegares que viraram suas páginas; ao mesmo tempo, os livros cuidadosamente encapados parecem indicar leitores extremamente cuidadosos que os liam sem quebrar a lombada. De igual maneira, há o desenho infantil na contracapa imitando o herói da história, o marcador de papel com uma figura religiosa (um impresso conhecido como *santinhos*), como no livro de aritmética, exemplar datado de 1915 (Figura 2).

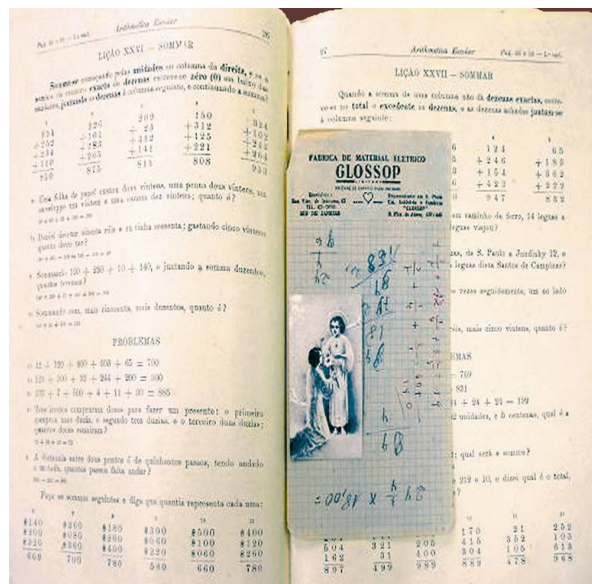


Figura 2 – BHROCA DORDAL, Ramon. Aritmética escolar. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1915. Fonte: Acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense, UDESC (Acervo: 128ª1F).

Encontrou-se, também, um amuleto de sorte, como a flor chamada amor-perfeito, seca, entre as páginas de um romance; o cartão de felicitações que, aparentemente, não foi enviado; bilhetes e outros escritos e quinquilharias que não oferecem razão alguma e escapam da nossa compreensão plena, mas estão unidos pela sua condição de objetos-reliquia: são evidências da passagem do leitor pelo livro e parecem apontar as relações íntimas, complexas e delicadas entre eles. Há vincos de dobras, cheiros, sujidades, que recontam momentos e lugares passados. A esse respeito, vale lembrar recomendações feitas por Richard de Bury (1287-1345), em obra republicada em 2004, para quem “apenas uma pessoa asseada deve exercer o ministério dos livros [...] convém lavar as mãos quantas vezes saiam do refeitório para que dedos gordurosos não sujem a capa dos livros” (p. 147-148).

Dedicatórias: ritos e celebrações

A dedicatória [...] [é] um verdadeiro rito. Ela pode ser, tratando-se de um impresso, a oferta de uma cópia manuscrita com bela caligrafia e ricamente ornamentada [...]. Na cena da dedicatória, a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro.

(Roger Chartier)

As dedicatórias, nos livros estudados, eram espaços de celebração. Celebrava-se, por escrito, a amizade; cultuava-se a lembrança, o prazer da partilha, a emoção da dádiva. Esses sentimentos pareciam mover a escrita das dedicatórias e permitem considerar essa prática como formas simbólicas de poder e marcas de uma cultura da homenagem, até certo ponto laudatória. As dedicatórias mostravam o afeto do doador em palavras cordiais, na caligrafia desenhada, na cuidadosa ocupação do espaço na página branca: uma ordem que parece dignificar o texto a ser lido e aponta para o aguçamento de sensibilidades.

Espaços de memória. Registro de amizades. Lembranças. O prazer da partilha. Estratégias de consagração. Tessitura de uma rede de relações. Segundo Barthes (1985, p. 66), “a dedicatória é um episódio de linguagem, que acompanha todo presente [...] todo gesto, efetivo ou interior, pelo qual o sujeito dedica alguma coisa ao ser amado”. Nos livros, esses sentimentos parecem mover o ato de fazer uma dedicatória, funcionando como mediadores do afeto que circulava entre amigos ou conhecidos. Tal situação é visível nos livros doados pela família da professora Antonieta de Barros,¹³ cujas dedicatórias mostravam uma rede de sociabilidades que se caracterizava pela presença de encontros amistosos entre amigas. Os estudos realizados por Delmas (2007) mostram que os livros dedicados demonstravam prestígio e a importância do homenageado; são marcas de uma

cultura que busca sofisticar suas relações e representações; são marcas distintivas da sociedade letrada.

Segundo Genette (2001, p. 109-110), a dedicatória ocupa um lugar canônico, sempre na primeira página do livro, na chamada folha de guarda ou folha de rosto, e sua destinação principal é ao suposto leitor, o verdadeiro destinatário da obra. Para esse autor,

A dedicatória de uma obra destaca sempre a demonstração, a ostentação, a exibição: exhibe uma relação intelectual, distintiva, real ou simbólica e esta exibição está sempre a serviço da obra como argumento de valorização ou tema de comentário (2001, p. 116).

A escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras; assim, as dedicatórias expressam um desejo do doador de que o receptor compartilhe do texto escrito e que o leia. No acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense, foram encontradas 39 dedicatórias (uma em cada exemplar). O material evidenciou que essa prática cultural obedecia ao cumprimento de determinados rituais (domínio de códigos linguísticos, letra esmerada, expressões afetuosas, redes de sociabilidades). Parte considerável das dedicatórias presentes nos livros do acervo salientou laços de amizade, relações de reciprocidade, algo como “dar um pouquinho de si, traduzir em palavras um tipo de afeto [...], estreitar laços já portadores de uma história afetiva”, materializados em breves textos como “uma cordial lembrança, com gratidão e afeto, como prova de amizade e apreço, com desejo de que gostes da leitura” (MUAZE, 2006, p. 7-10). Pesquisa empreendida por Coradi (2007, p. 57) considerou que variadas intenções e sentimentos estão presentes no ato de dedicar um livro, “podendo partir da convenção social, [...] desejo de partilhar uma leitura com alguém querido [...] e até uma mensagem mais reveladora, caracterizada pelos sentimentos decodificados do dedicatário”.

Como presente de Natal, datado de 1955, a dedicatória endereçada a um leitor infantil do livro *Robinson Suíço*, editado em São Paulo, pela Editora do Brasil, deseja

Ao Nelson, com votos para que aproveites os bons exemplos deste livro e faças o firme propósito de um bom aproveitamento no próximo período escolar (Carlinda/Natal de 1955).

Nessa dedicatória (Figura 3), a relação é dada pelo tom exortativo para a leitura exemplar, considerada como índice e orientação de pensamento, e permite pensar em uma leitura *autorizada*, pela adesão/concordância a uma convicção. O desejo sublinhado pelo doador, em uma escrita do presente, é um ato mágico e solidário no qual se quer materializar um desejo, uma projeção para o leitor do futuro. Ou seria uma ordem? Tais práticas, mais uma vez, soam como seguros indícios da passagem

do leitor pelo livro, aqui conservada pela memória da escrita.

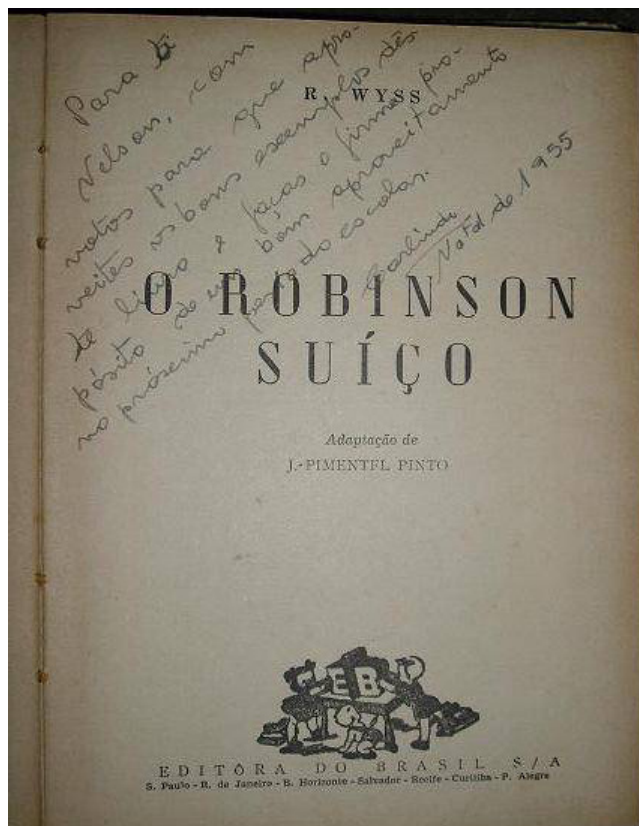


Figura 3 – Dedicatória datada em 1955, encontrada no exemplar de *O Robinson suíço*. São Paulo: Editora do Brasil, 1955.

Fonte: Museu da Escola Catarinense, UDESC, Florianópolis (Acervo: 40A1).

À MANEIRA DE UM EPÍLOGO...

Os resultados da pesquisa indicam que os leitores também “habitam” os livros, pois, por meio deles, é possível conhecer formas de intervenção do leitor “indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação à autoridade” (CHARTIER, 1998, p. 88). Ainda, as marcas deixadas, que podem ser lidas como indícios da presença constante do leitor, dão vida a desconhecidos – dos que riscavam os livros com caneta aos que os encapavam para melhor preservá-los; dos que neles escreveram aos que nele esqueceram velhos papéis, relíquias. Oferecem pistas curiosas a respeito do universo cultural em que estavam inseridos leitores/doadores naqueles tempos. Tantas e tão diferentes marcas permitem imaginar o doador/leitor pela dedicatória, atentar para as palavras sempre cordiais da oferta, reparar na cuidadosa organização gráfica com que se dispunha, na página em branco, a caligrafia nítida, por exemplo. Essa ordem parece antecipar o texto, anunciar um temperamento sensível não só no recurso infinito

das palavras como na visibilidade imperiosa das letras desenhadas.

Hospedando-se nas estantes (ou em caixas), como inquilinos de vida, os livros do acervo, com suas marcas de uso, suas dedicatórias, seus objetos-relíquia marcam um tempo: as pessoas que se saudaram reconhecem-se como parceiros de uma aventura de leitura e de instantes eternizados pela magia e perenidade da escrita. Todas essas inscrições não são “somente uma operação abstrata do intelecto; elas são engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1994, p. 17). São registros de afetos que permanecem como resíduos que, materializados em tinta, papel, figuras, desenhos, flores secas, enfrentam a velocidade e a fugacidade do tempo, eternizam momentos e emergem como lembranças. As ilustrações e inscrições, nos livros escolares, podem constituir um acervo relevante para futuras pesquisas sobre a leitura escolar e para história das instituições escolares e seus acervos de livros, além de permitirem ao historiador entender a produção silenciosa que é a atividade leitora.

Plenos de memórias de um tempo foram preservados para nos preservar, pois que nunca são apenas objetos; têm uma voz com a qual falam através do tempo e das vidas; “são, ao mesmo tempo, relíquias de uma época diferente e de pessoas, a partir de sua própria época” (BLOM, 2003, p. 228), mas estabelecendo conexões com o leitor/historiador atual. Incorporando esquemas escriturísticos ritualizados (como a inscrição do nome próprio, uma dedicatória emocionada ou uma correção ortográfica), as muitas marcas deixadas nos livros continuam preservadas, podendo-se considerar, por meio delas, uma relação delicada entre leitura e escrita.

Trabalhar com esse material, em acervos como os do Museu da Escola Catarinense, cria possibilidades para pensar, igualmente, em uma perspectiva ampliada de patrimônio cultural capaz de sensibilizar variadas instituições para a gestão e promoção dessas obras. Conhecer mais sobre como os livros eram produzidos, dados a ler e utilizados, é, pois, compreender como o Estado fez da leitura um saber escolar e deu à escola a responsabilidade de formar leitores e leitoras. Preservá-los de forma adequada é uma iniciativa que vem demandando esforços. É fundamental que se formulem e se programem políticas com a finalidade de enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais, sem que se percam de vista os valores que justifiquem sua preservação.

Nesse sentido, a constituição e a manutenção de acervos escolares (notadamente os livrescos) revestem-se de importância como forma de “atribuir novos significados às práticas escolares como elementos constitutivos da vida social [...], uma perspectiva que impõe aos pesquisadores o desafio de preservação das fontes históricas em

arquivos públicos e a constituição de arquivos escolares” (MORAES; ALVES, p. 25).

Os livros dessa *biblioteca anotada*,¹⁴ por tanto tempo esquecidos, muitos deles cobertos de dejetos, mostraram padrões de sociabilidade, cunharam sensibilidades, marcaram subjetividades geracionais em nomes próprios, dedicatórias e relíquias deixadas em suas entranhas. O nome famoso ou anônimo na contracapa, a dedicatória que poderia despertar a vontade de ler, a relíquia esquecida ou abrigada em meio às páginas dos livros, abrem espaços para a aventura de conhecer, pelos objetos, modos de ler, maneiras de escrever; ao historiador, fornecem evidências de que não existem coisas banais, mas múltiplas possibilidades de questionar um passado selecionado para a construção deste presente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleções Histórias de Leitura)
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.
- ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula. (Org.). **O império por escrito**. São Paulo: Alameda, 2009.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BORGES, Jorge Luis. **Borges oral**. Madrid: Bruguera, 1984
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Gomes Ferreira (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.
- CASTILLO GOMÈZ, Antonio; BLASS, Verónica Sierra. (Org.). **Mis primeros pasos**. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (séculos XIX e XX). Astúrias, Espanha: Ediciones Trea, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
- _____. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1994.
- _____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. São Paulo: ALB, Mercado de Letras, 2003.
- _____. **História cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. **La historia o la lectura del tiempo**. Barcelona: Gedisa, 2008.
- _____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.
- CORADI, Joana Paula. **A dedicatória como expressão: um gesto das práticas de leituras**. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia), Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.
- CUCUZZA, Héctor Rubén; PINEAU, Pablo. (Org.). **Para uma história de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina**. Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2002.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. Um patriotismo são. Lições de História para a Escola Primária. Um estudo na Série de Leitura Graduada Pedrinho de Lourenço Filho (décadas de 50 a 70 do século XX). **Linhas**, v. 12, p. 154-169, 2011.
- DARNTON, Robert. **Boêmia literária e revolução**. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. História da leitura. In: BURKE, P. **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 199-236.
- DELMAS, Ana Carolina Galante. “Do mais fiel e humilde vassalo”: as dedicatórias impressas para os monarcas D. João VI e Dona Carlota Joaquina no Brasil. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, UNISINOS, São Leopoldo, RS (CD Rom).
- DENTRO de um livro/Contos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- GENETTE, Gérard. **Umbrales**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MANGUEL, Alberto. **Os livros e os dias**. Um ano de leituras prazerosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Julia Falivene. (Orgs.). **Inventário de fontes documentais**. Centro Paula Souza, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo: [s.d].
- MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 73-105, dez. 2006.
- RANUM, Orest. **Refúgios da intimidade**. História da vida privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 211-265, v. 3.
- BURY, Richard de. **Philobiblon**. Tradução e apresentação de Marcello Rollemberg. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SANCHES NETO, Miguel. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

NOTAS

¹ BONASSI, F. Texto para Leitura. In: Dentro de um livro/contos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p. 55.

² Disponível em: <<http://www.museudaescola.udesc.br>>.

³ Projeto de pesquisa *História da cultura material da Escola Catarinense/ Museu da Escola Catarinense*, concebido pela Prof.^a Maria da Graça Vandresen (1992). O Museu situa-se na Rua Saldanha Marinho, 196, Centro, Florianópolis, no prédio originalmente construído para Escola

- Normal, na década de 1920, que abrigou, até 2007, a Faculdade de Educação (FAED/UEDESC). O projeto é atualmente executado pela Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Gaspar da Silva (FAED/UEDESC).
- ⁴ Projeto de pesquisa *Hóspedes do tempo, inquilinos da vida. Um estudo sobre o acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense*, coordenado por Maria Teresa Santos Cunha (UEDESC).
- ⁵ Este texto centrou a análise nos materiais produzidos na primeira metade do século XX.
- ⁶ Manuel Bergström Lourenço Filho, um dos expoentes do movimento da Escola Nova. Já no início da década de 1930, manifestava a preocupação com a leitura, o que culminou, na década de 1950, na elaboração de uma Série de Leitura Graduada “Pedrinho” para a Escola Primária (CUNHA, 2011).
- ⁷ Ver o estudo realizado sobre essa prática de leitura em: CUNHA, M. T. S. *Armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- ⁸ Os estudos com esses livros didáticos estão sendo levados a efeito no âmbito deste projeto.
- ⁹ Destaque para a Série de Leitura Graduada Fontes (1920), de autoria do Prof. Henrique Fontes (SC).
- ¹⁰ Obras da literatura nacional (José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato).
- ¹¹ Tradução livre da autora.
- ¹² “À História da Cultura Escrita, interessam não só os aspectos gráficos que dão visibilidade aos diferentes níveis de alfabetização, mas também a disposição do escrito sobre o espaço gráfico; [...] a forma da letra empregada, a introdução de maiúsculas e sumários para organizar o discurso, a redação, os sublinhados, as marginais, as dedicatórias, etc.” (CASTILLO GOMÉZ; BLASS, V. S. (Org.). *Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (séculos XIX e XX)*. Astúrias, Espanha: Ediciones Trea, 2008. p. 15 (Tradução da autora).
- ¹³ Antonieta de Barros (1901-1952), professora negra e primeira mulher deputada estadual de Santa Catarina e participante da Constituinte de 1934.
- ¹⁴ Termo utilizado por Daniel Link (UBA/Argentina). Disponível em: <<http://www.bnm.me.gov.ar>>. Acesso em: 18 out. 2010.